



Padre Luís

AS celebrações que o mundo chama fúnebres, e nos pareceram gloriosas, do nosso Padre Luís, tiveram picos muito altos.

Destacarei apenas três.

O Bispo do Porto, Senhor D. Armindo, quis presidir. Podia ter mandado um Auxiliar ou mesmo qualquer Sacerdote hierarquicamente posicionado que o representasse. Mas não. Veio ele e, consigo, o Senhor D. António Taipa, Bispo Auxiliar do Porto.

O Padre Luís era um Sacerdote da sua Diocese e nela incardinado, apesar de ter feito a maior parte da sua vida na Capital, ao serviço dos Pobres, como Padre da Rua responsável pela Casa do Gaiato de Lisboa.

Era Segunda-feira Santa e o Pastor, imbuído ainda da experiência quaresmal, dirigiu-nos uma palavra de apelo à conversão evangélica, apontando o ideal vivido do nosso irmão morto, como o exemplar de quem se dá ao Senhor radicalmente na caridade, na pobreza, no serviço e na Esperança. Um forte estímulo, que além da interpelação, nos consolou.

Referiu-se à Obra da Rua apresentando-a «como um espelho nacional da caridade cristã»: — O que Padre Américo realizou com lucidez admirável abrindo o caminho que os Padres da Rua pretendem seguir.

Outro ponto elevado, foi o momento em que a urna, transportada da Clínica da Boavista, chegou à nossa Capela com os restos mortais.

Os Rapazes, já dentro, aguardavam, todos com pequenos ramos de flores na mão, colvidas nos campos e nos jardins da Aldeia.

Nos Domingos da Quaresma, àquela bora, fazemos a Via Sacra como oração da tarde.

A presença do caixão dava ao ambiente um ar de seriedade que calava fundo na alma dos Rapazes.

Continua na página 3

MALANJE

Terras de Barroso

FOI numa das minhas paragens em terras de Barroso que um dia presidi, na festa de S. Braz, lá, numa capelinha, mesmo na linha de fronteira com a Espanha. O tecto já deixa entrar a chuva e os arcos de granito foram pintados de branco. Seriam bonitos sem o borrão da tinta.

A festa é celebrada, uma vez por ano, pelos imigrantes que aproveitam para fazerem os seus piqueniques, folgarem e dançarem em honra — dizem — do Santo, representado por uma imagem sem antiguidade nem graça.

Depois da cerimónia veio o senhor que ficou de me transportar. Sentei-me a seu lado na sua velha «carochinha». Conversa fácil e fui notando que as palavras lhe saíam do coração.

Três filhos deficientes e dois deles profundos. Sua esposa criou-os com muito cari-

nho. Os dois — marido e esposa — numa doação maravilhosa, se dedicaram totalmente a eles. «Acho que foi uma bênção de Deus! Ficámos mais do Senhor e com outra visão do mundo». Estremeci. Tive a profunda impressão de ter encontrado o meu Santo perdido e fora dos feios andores e capelas de romarias.

Ali, a meu lado!

Sua esposa tinha falecido. Era, agora, ele a tratar dos três filhos. Razão do seu viver! Razão da sua alegria!

Agradei ao Senhor a graça deste encontro. Pessoa como eu. Posso tocar-lhe. Olhar os seus olhos fixos na estrada, saborear o seu sorriso simples e cheio de ternura.

Assim me levou até perto do moinho de Pitões, onde eu habitava.

Padre Telmo

ENCONTROS EM LISBOA

Nenhum método substitui o esforço

ramo aberto para entrar o ar.

Alguém comentou que isto da poda era muito difícil e, por aqueles acasos da derivação da conversa, também alguém disse que era como estar a educar a árvore para ela poder crescer bem. Conversou-se sobre educação...

Deixar fazer tudo «o que dá na gana» é que era bom.

Logo outro comentou: «Era como deixar crescer a árvore sem poda, depois não dava fruto nenhum». Foram surgindo muitos comentários e exemplos. Fui escutando e interiormente continuei a minha reflexão, derivando para a escolaridade.

Depois de vários anos de experiências pedagógicas sinto uma certa frustração com os resultados obtidos. Muitas vezes me pergunto onde está o problema. Se é verdade que devemos inovar do ponto de vista dos métodos de aprendizagem é também verdade que nenhum método substitui o esforço. E, se não me engano, é aqui que está o fracasso dos métodos de ensino: tudo facilitar e nivelar por baixo.

Assim, para um aluno com dificuldades, não se procura encontrar o método mais adequado para ele obter melhores resultados, mas o que acontece é que se

criam programas especiais em que o aluno não tenha que obter os resultados correctos, retira-se matéria, retira-se esforço e dá-se-lhe um diploma que nada diz sobre o seu esforço, mas sim sobre a redução dos saberes. Isto acontece com a Matemática, acontece com as Línguas e com muitas outras matérias, para não falar nos cursos de aprendizagem alternativos, onde o que é preciso é preencher o número de horas e não adquirir métodos de estudo ou saberes.

Criou-se a ilusão de que não é preciso fazer contas e praticar, é só preciso saber como se faz. Acontece que tenho rapazes que sabem equacionar uma conta de dividir, mas depois não sabem resolver porque ninguém os treinou na memorização da tabuada, etc. Tenho também rapazes que ao fim de cinco anos de

Continua na página 3

Festas

Setúbal

O tema das nossas Festas, para este ano, é o lema principal da nossa Obra: «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Mais do que nunca, sentimos como marca a diferença e singularidade do nosso viver. Como, com a energia das suas mãos, eles *trepam* na vida, elevando-se dos estigmas familiares e sociais onde tiveram a sua génese.

Ouvimos, por vezes, falar de famílias ricas em que os pais não facilitam a vida aos seus filhos, simplesmente lhes dão condições para eles se erguerem, na vida, à custa do próprio esforço. Seria muito fácil, pela abundância dos bens que possuem, dar-lhes uma vida com todas as seguranças, sem o menor esforço. Mas sabem como isso seria a causa da ruína dos filhos, pois o homem só se eleva se o fizer com as próprias capacidades, ainda que auxiliado. Nem o próprio Deus se esqueceu desta necessidade de ajuda.

Por isso, também nós, pela sabedoria intuitiva de Pai Américo, educamos com a mesma pedagogia.

Por isso, também continuamos a ser palavra nova que não se impõe de forma vistosa, mas pelos frutos que no nosso seio se vão gerando.

Nunca o homem e a sociedade evoluíram de forma consistente, com modos de pensar e de viver contrários à verdade da natureza humana. Só na fide-

Continua na página 3

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

MÃE ABANDONADA — Somos abordados pelas carências de uma mãe cujo marido a deixou...

Infelizmente, estes casos acontecem nos dias d'hoje.

Os serviços oficiais nem sempre dão, a esta gente, os benefícios que merecem para a criação dos seus filhos! Tão pouco se eles são moralmente incapazes.

No caso presente, a pobre mulher já entrou na má vida.

Mas vinha acompanhada de uma vizinha que desejava que ela deixasse a dita má vida por amor aos seus filhos.

Ela sofre, ainda, de uma doença oncológica num peito. Enfim, um caso grave que vamos transpor para as mãos de uma companheira vicentina.

PARTILHA — Um cheque de 250 euros, «minha pequenina oferta referente aos meses de Março e Abril que poderão distribuir como melhor entenderem. Infelizmente as necessidades devem ser muitas, está tudo cada vez mais caro, e para os idosos a conta da farmácia será mais uma dificuldade a juntar a tantas outras; que esta pequena migalha, dada com muito carinho, possa ajudar um nosso irmão mais carenciado. Os restantes cinquenta euros serão para ajudar outras necessidades. Votos de santa Páscoa. Peço, ainda, uma oração por alma de meu marido. Com muita amizade, sou a assinante 57002».

Lisboa: 470 euros, da assinante 31104, «oferta que mensalmente remeto ter tido, desde há muito, destinatário certo. Como estão mais perto de vós, não sei qual é o mais necessitado».

Ao ser agora desviada para a reconstrução da casa de uma viúva, ficarão outros sem nada. Não é que eu não goste de aju-

dar em casos semelhantes. Mas os outros?

Para o futuro continuarei a remeter a mesma importância ficando ao vosso critério a sua distribuição porque não quero ser injusta».

Assinante 56677, do Porto, com «saudações em Cristo, vem enviar um cheque de vinte e cinco euros, que faz parte do meu contributo penitencial da Quaresma que findou, é uma migalha, mas ofertada com muito amor. Gostaria de dar mais, mas a minha economia é muito reduzida e, neste momento, com perspectivas de reduzir mais».

Assinante 26733, de Penafiel, que nos diz: «... não tenho dado dinheiro. Estou a atravessar uma época de grande dificuldade financeira, não estou a ganhar para a luz. Sempre tive muito serviço na minha profissão, mas, presentemente, foi diminuindo e acabou por parar de todo. Que isto melhore para bem de todos».

Um cheque de 250 euros «para ajuda das despesas dos Pobres». Veio pela mão da assinante 69847, de Tomar.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ABELHAS — O senhor Correia deu-nos cinco colmeias e o Padre Acílio mandou arranjar o colmeal. Temos abelhas às centenas. Esperamos que dêem bom mel.

EXCURSÕES — Têm vindo poucas. Esperamos que venham mais para conhecer a beleza da nossa Casa e fazermos grandes partidas de futebol.

CAMPO — Já semeámos a batata. Esperamos ter grande produção para as podermos saborear.

ESCOLA — Começou o terceiro período. Esperamos

que reprovem poucos ou nenhum.

A NOSSA ALDEIA — Está cada vez mais bonita. As árvores começam a ter folhas lindas e a flores estão a rebentar.

Rolando

DESPORTO — Em 5 de Abril os Infantis deslocaram-se a Penafiel para defrontarem o clube daquela cidade, com quem perderam. «Quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que paga». Assim dizia um conhecido cantor, já falecido. Neste caso, a cabeça não conseguiu controlar as operações dentro das quatro linhas e o fracasso foi total. Não tivemos sangue frio para aguentar a pressão do adversário. Quando dentro do campo se deixa de tratar a bola como deve ser e como nós sabemos, para se começar a discutir uns com os outros, é no que dá! Chegámos ao empate, mas perdemos por 6-2.

Em 6 de Abril os Seniores receberam os Ases da Constituição. Aqui, milita um dos nossos antigos gaiatos: o «Flora». Se os Infantis não estiveram bem, os Seniores não estiveram melhor. O adversário tinha futebol, tinha força, tinha raça e sabia o que queria. Nós..., nós tivemos falta de discernimento e falta de capacidade a todos os níveis, para poder colmatar o poder atacante com que a equipa do «Flora» se apresentou. Ganhou e ganhou bem, não deixando dúvidas para se poder argumentar com desculpas, os erros e a falta de concentração da equipa da casa.

Em 12 de Abril os Seniores deslocaram-se a Gondomar, onde ganharam. Estiveram a perder, mas com o «puxão de orelhas» do treinador, no balneário, ao intervalo, tudo foi diferente na segunda metade do jogo. O nosso poder atacante, foi para o adversário um autêntico sufoco!... Com golos de Serafim, «Doutor» e Daniel, fixou-se o resultado final.

Em 19 de Abril os Iniciados receberam a Associação Desportiva de Pedroso. Um jogo nada fácil. Apetecia-me falar indivi-

ualmente de toda a equipa, pelo bom trabalho desempenhado durante os noventa minutos. No entanto, como o espaço não é muito, apenas vou frisar: «Bolinhas», Luís Carlos e Gil. O primeiro, depois de ter passado um período menos bom, está outra vez «endiabrado», no bom sentido, claro!, pois, para além do excelente jogo que fez, facturou mais quatro golos para a sua conta particular. O segundo, tem subido de rendimento de jogo para jogo. Joga duro, pouco mais terá que palmo-e-meio, mas é valente e eficaz, não virando a cara à luta. Tem uma qualidade que eu, particularmente, muito admiro: joga a bola e não ao homem. O terceiro, esteve como quase sempre está, irrepreensível. É um rapaz que tem ótima colocação no terreno e lê o jogo quase na perfeição.

Com o terreno bastante pesado, pelo facto de ter chovido antes do jogo, não impediui a nossa vitória com golos de «Bolinhas» (4), Abílio (1) e «Doutor» (1), contra dois do adversário que, diga-se em abono da verdade, deu trabalho que chegue.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

CONVÍVIO FRATERNAL — Três dos nossos rapazes participaram num, realizado em Coimbra. Estes convívios não servem só para fazer amigos, mas também para reflectirmos sobre os problemas do estudo e do trabalho, entrando em comunhão com os outros, expondo problemas e aceitando sugestões para a sua resolução.

ESCOLA — Mesmo que as notas do segundo período não sejam as melhores, há que tentar melhorá-las neste último. Mesmo sendo ele o mais pequeno, temos de nos esforçar ao máximo.

LAR — Uma vez que o Lar, aos fins-de-semana, não tem

ninguém e várias vezes foi assaltado, o nosso Padre João decidiu instalar um sistema de alarme para evitar que ocorram mais acidentes deste género e para dar mais segurança aos rapazes e senhoras que lá trabalham diariamente.

CAMPANHA DE ASSINATURAS — Os nossos Padre João e Padre Carlos continuam com ela, aos fins-de-semana, no mês de Maio.

Fizemos a campanha em Tomar. Foram dez missas em dois dias. É muito cansativo, mas valeu a pena, pois há sempre gente que ainda não é assinante do nosso Jornal.

Adriano

SETÚBAL

QUARTO DAS TINTAS — No passado já foi lavandaria e depois sala de depósito do leite. O ti Zé, com a ajuda de dois rapazes, fez um chão novo, e os carpinteiros colocaram uma porta nova. Ficámos, assim, com uma arrecadação para guardar as ferramentas e materiais das obras.

CAMPO — O Amândio já começou a semear o milho, com a ajuda de alguns rapazes. Continuamos a fazer a silagem da cevada. A fava, cuja colheita tem sido boa, vai sendo descascada pelos rapazes mais novos e guardada em sacos nas câmaras frigoríficas. Também a ervilha segue o mesmo rumo. Vamos tendo, à nossa mesa, batata nova que se vai arrancando com a máquina, quando dela precisamos. Finalmente, andámos a plantar couve-repolho, pois todas as semanas é precisa.

VISITAS — Algumas escolas têm vindo visitar-nos. Os alunos gostam de nos conhecer e de ver a nossa Casa. Quando é possível, jogam futebol conosco. Os bezerros são os animais que os visitantes mais gostam.

BAR — As obras avançam. Estamos a acabar o telhado para, depois, passarmos para a parte interior. O pátio, em frente, está a ser remodelado para que fique um local agradável de estar.

António Loureiro

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Ao passar os olhos pelo livro de Pai Américo, O Barredo, reparo que os homens pouco ou nada mudaram, apesar de tantos anos passados. Se não, vejamos:

«Pobres envergonhados — a Pobreza que faz doer.

Era tardinha, Já o sol nos dava ares de pouca dura. Cinco minutos decorridos e eis que me encontro defronte do casebre do sr. Dias, como o povo lhe chama; paredes-meias com um outro da mesma feição. Por soalho, a terra solta; por paredes, a pedra descoberta, enegrecida pelo fumo da lareira humilde, tão portuguesa e acalentadora nos dias de Inverno; por tecto, a telha simples, abrigo do tempo aguaceiro, que faz penetrar a chuva até aos ossos dos que não possuem guarida. Ao menos Deus os encoraje nos sofrimentos a que estão postergados.

Bato à porta, de madeira carcomida e aparece-me o Pobre. Entrado na idade, humilde, bom falador. Estava deitado...

— É o senhor Dias, não é verdade?

— Sim, meu senhor.
— Esta é que é a sua casa?
— É isto que vê...

Sentámo-nos: ele na sua cama, eu num mocho, um tanto corrompido. Para o caso, no lugar, tudo era adequado.

Entabulámos conversa, de cara a cara; conversando vidas — a sua vida! «Vamos vivendo assim...», dizia o pobre homem. O seu rosto reflectia visível tristeza; tinha qualquer coisa para me descobrir; já estávamos familiarizados! Que seria? Mais tarde explanámos e então escutei: «Vivi bem. Fiz uma terrinha... Tive contos de réis. Foi a falecida; ela deixava correr e os filhos...» É corrente notar-se que, enquanto os amigos podem, todos o cercam.

Depois... Foi o que sucedeu a este velhinho. Enquanto pôde, os filhos eram seus; mas, acabado o período das «vacas gordas», ei-lo quase só. «São sete, mas, graças ao Senhor, alguns ainda me dão uma tigelinha de sopa quando podem. Os outros...» É um dos chamados Pobres envergonhados — a Pobreza que mais faz doer. Mais adiante pede-me: «Não diga nada por mor de...» Já disse isto a outra pessoa que o visitava...

Entretanto, no meio do nosso colóquio, cheguei à conclusão de que os filhos menos abastados são os que ainda sentem uma pontezinha pelo pai. Talvez a situação? Impossível saber concretamente; o que podemos concluir é que não são raros casos como este. Cada vez pior; até nos meios rurais! Nas cidades isso é que é! Remédio? Ao menos, nós os vicentinos, tapemos a lacuna que o homenzinho sente dentro de si. Animando-o, encorajando-o, amparando-o moralmente.»

É ou não um assunto actual, este que Pai Américo já escrevia nesse tempo? Nós os vicentinos, como ele diz, vamos tentando tapar estas lacunas. Mas, infelizmente, o que nós também verificamos, é que há alguns filhos que embora não ajudando, por vezes, ainda os procuram, para lhes sugar o pouco que lhes dão.

Olga e Valdemar

Correspondência dos Leitores

«Junto um cheque para pagamento da minha assinatura d'O GAIATO.

Que Deus vos ajude a continuarem iguais a vós próprios, pois o maldizer passa e as obras ficam. São as tristezas do mundo; quem nada faz, não acha que alguém possa trabalhar desinteressadamente pelos seus irmãos infelizes.

Muito obrigada por todos os ensinamentos que O GAIATO nos dá, leio-o de uma ponta à outra.

Assinante 9605»

«Agradeço a carta de 26-03-03 que me encheu de alegria e foi um bálsamo. É sempre um consolo e uma bênção ouvir falar de Deus.

Venho pedir o favor de «nunca» me enviarem nenhum «recibo» ou qual-

quer outro documento para eu usufruir de algum benefício fiscal. O que partilho com os meus Irmãos Gaiatos é assunto nosso, particular, alicerçado no meu Amor a Deus e ao Próximo. Nada nem ninguém pretendo envolvido nesta ligação, muito menos o Estado e os seus impostos.

Que Deus me dê fé, me ilumine para que eu aprenda e ponha em prática, hoje e sempre, actos de partilha com o Próximo, de preferência no anonimato, e sempre sem esperar nada em troca a não ser um «sorriso» de Deus!

Devolvo o «recibo» porque não desejo sequer guardá-lo, muito menos utilizá-lo!

Um grande abraço e que Deus abençoe a grandiosa Obra da Rua!

Sempre em dívida para convosco,

pelo que me ensinam com o vosso exemplo em acções e através da leitura do vosso jornal e livros, resta-me rezar e assim ir tentando aproximar-me de Deus e daqueles que, como vós, estão tão perto d'Ele!

Assinante 67200»

«Como gosto de ler o vosso Jornal, ficaria eu a receber o que ia para a minha falecida tia. Como não sei em que situação se encontram as contas, junto segue um cheque para ajuda de pagamentos atrasados.

Obrigada por tudo. Estimo muito a vossa Obra e acho interessante o Jornal. É bom sabermos que há tantas coisas boas neste mundo perverso.

Assinante 30698»

Padre Luís

Continuação da página 1

Contemplada a última estação do Caminho da Cruz, abriu-se a urna, aguçando a curiosidade dos Rapazes e de outras pessoas acompanhantes.

Pedi-lhes que só depositassem flores, aos pés do senhor Padre Luís, aqueles que estivessem dispostos a fazer uma vida como ele ensinou, na linha do Pai Américo.

Serenamente, sem ordem estabelecida, mas também sem qualquer atropelo, todos colocaram, no fundo da urna, o seu ramo e com ele os propósitos, os bons sentimentos e a oração.

Achei soberbos de simplicidade e beleza estes gestos dos Rapazes. Tanta e tamanha beleza que tive inveja dela.

Florzinhas do campo, colhidas e postas com ternura aos pés do cadáver de um pai, a quem se promete fidelidade, com perfume natural e espontâneo.

Poucas vezes na vida me senti arrebatado por cenas de tamanha elevação e dignidade!

Uma outra surpresa nos esperava no sagrado cemitério do Calvário. Chamo sagrado àquele recinto, também, porque ali não se vê nenhuma profanação da vaidade dos vivos.

Umhas pequeninas cruces, somente, indicam o lugar das sepulturas. Tudo é campo raso com uma verdura ou rosa a crescer da terra, aqui e além.

Enquanto baixava o corpo à cova, afundada pelos Rapazes de Beire, os da música juntaram-se em grupo, acompanhados por flauta transversal por eles executada, e cantaram, com uma harmonia e vivacidade celestes, o «Ressuscitou, Aleluia!»

Durante todo o enterramento, o silêncio próprio desta hora, foi cortado pelo canto entusiástico dos Rapazes! «Onde está, ó morte, a tua vitória?!...» A morte é a porta da Vida!... Aleluia! Aleluia! Aleluia!...

Assim, o bálsamo da Esperança consolou os nossos corações.

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

Continuação da página 1

estudo de uma Língua não são capazes de construir uma frase porque ninguém lhes ensinou que era preciso adquirir vocabulário... (ai o antigo caderno de significados!)

Agora chegou a moda da *Internet* e a *Internet* resolve tudo. Acontece, porém, que as tecnologias são um instrumento e antes de manejar o instrumento é preciso ter conhecimentos para o poder manejar utilmente. Às vezes, vejo os meus rapazes a «navegar» de forma completamente inútil, quando deveriam, talvez, habituar-se mais a procurar nos livros o que na *Internet* procuram à toa.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

Continuação da página 1

lidade à natureza das coisas é possível fazê-las enraizar, crescer e frutificar.

Claro que estes são caminhos esforçados, por vezes, carregados de angústia e crucificantes. Como discípulos, não conhecemos melhor caminho, este que o Mestre nos apontou e que devemos percorrer todos os dias da nossa vida.

Obra deles, em ambiente familiar, também este necessário a um crescimento equilibrado, em ordem a um futuro mais humano na família e na sociedade. «Os que não têm lazeira não perderam o sabor dela», é ver-

dade que está inscrita na natureza da criança, e que se torna uma necessidade vital, pelo menos, nas primeiras e nas últimas idades da vida.

Ter família, uma realidade cada vez mais cara e difícil de possuir, quando é uma necessidade básica na vida do ser humano. Os nossos, têm uma família que, embora nela não tenham nascido, lhes comunica os dons necessários à vida. E eles encostam-se a ela «como pintainhos nas chocadeiras», até que saibam por seu pé ir buscar o próprio sustento.

As Festas, são resultado do trabalho e querer deles. Assim os vemos crescer, e também o poderás fazer juntando-te a nós nos vários locais por onde iremos passar.

Já estivemos em Cabanas (Grupo Popular e Recreativo Cabanense), no

A PÓS o almoço, venho para o escritório e encontro, no largo em frente, uma senhora vestida de luto, com aspecto pobre, sofrido e tímido.

Aproximei-me.

— É o senhor abade?

— Sou, sim senhora.

A mulher põe os olhos no chão, agita-se, olha-me fugazmente, movimentada para a frente a ponta do pé direito, fixa-o enquanto me diz com doçura:

— Vinha pedir uma ajuda para a minha casa.

Estaquei diante dela, procurando com olhar terno, transmitir-lhe à-vontade.

— Vivo numa casa miserável, tenho dez filhos e o meu marido não me ajuda! Vinha ver!...

De repente, senti-me diante de Alguém!... Uma grande mulher, tão disfarçada!

— Onde mora?

— É aqui perto.

Lá vou eu. Convido a senhora a entrar para o carro e fomos conversando.

— Porque anda de luto?

— Morreu-me, há ano e meio, um filho, num desastre, quando gosava licença da tropa.

Tenho dez filhos, mas só nove são de mim, um é adoptado! Criei-o desde os dois meses. A mãe foi para a vida! Deixou-mo e, há poucos meses, foi encontrada morta! Mas olhe que lhê quero tanto ou mais do que aos outros.

O carro rolava devagar. Eu não sentia pressa. Levava comigo uma santa! É tão bom saborear estes sentimentos.

Moçambique

Continuação da página 1

para apoiar os nossos Padres, como eles tanto precisavam, sobretudo o Padre Acílio. A vida com os Rapazes exige até ao desgaste final. A lenda do pelicano que tirava sangue do peito para alimentar os filhos e que Pai Américo mandou pintar em vitral e está no lado esquerdo do altar, bem defronte donde se ajoelhava em oração, foi experiência vivida por ele e transmitida aos seus sucessores. Há, certamente, quem não acredite, mas nem faz falta.

A morte do nosso Padre Luís foi ocasião propícia

para o Senhor Bispo do Porto, Senhor Bispo Auxiliar e muitos Sacerdotes amigos estarem connosco a partilhar, não digo a nossa dor, mas a confirmar que os mais queridos da Igreja são os estropiados pela sociedade e até pelos seus meios de comunicação, aos quais só uma renúncia e uma entrega total podem ajudar a curar. Assim o afirmaram, com a sua presença, tantos gaiatos. Nós, Padres da Rua, vivemos da palavra eterna: «Dei-vos o exemplo para que façais como eu fiz».

Padre José Maria

Património dos Pobres

Depois, vieram as amarguras, que são confidência.

Que grandeza!... Que humildade!

Andar nas aldeias, aqui, no Norte, é a gente deslumbrar-se a cada instante. Ruas apertadas, pela serra acima, levam-nos a recantos lindíssimos. Foi num desses, que encontrei a casa(?) da minha passageira.

Logo um grande estendal de roupa lavada a enxugar.

Um reduzido terreno servia de recreio aos pequenos e uma mini-horta com batatas, couves e favas era o jardim da família. A habitação, um pouco soterrada, suportava o pátio descrito.

Uma pequena casa agrícola de granito tosco e sem reboco. O lugar da cozinha era um pequeno corredor com dois metros por um e oitenta, o qual servia, ao mesmo tempo, de sala de jantar e de receber. Tinha uma porta de cada lado para dois quartos. Um dos pais, com duas camas. Uma para a cabeça e outra para os pés onde dormiam os mais pequenos. E o quarto dos filhos, com duas camas largas, armadas em beliche. Por cima os rapazes; por baixo as raparigas. Tudo muito apertado, muito frio e sem arejamento.

A casa é de renda. Paga oitenta e cinco euros. A senhora é boa, explica-me a heróina, ela vai abater nos recibos as melhorias.

Entrámos numa loja anexa onde

enxuga roupa nos dias de chuva e ela ia expondo os seus sonhos!

— Aqui fazia um quarto e uma cozinha para a gente comer e estar que ali é tudo tão apertadinho!

Mostra-me, a seguir, outro anexo pequenino onde o filho, que já fez o décimo segundo ano, trabalha com um computador oferecido enquanto espera emprego. Alegremente acrescenta, ainda, que a filha a seguir também já anda no décimo segundo ano!

Não têm onde tomar banho. Apenas uma sanita para doze pessoas!

Meu Deus, como é mundo!?!...

Tantos casais só com um filho ou dois gastando as energias em superficialidades, nunca satisfeitos com o gozo da vida! Esta senhora, cheia de fecundidade magnânima, tão mal instalada e tão feliz com os filhos!

— Dou-lhe todo o material para a casa. Tudo. Vai comprar a tal parte. Leva uma requisição nossa. A gente paga telhas, madeira, vigotas, azulejos, cimento... Tudo. O seu marido e os filhos trabalham, nós damos o material.

Queres colaborar?

Para as casas de Guilhufe, a que me havia comprometido com dez mil euros, dei cinco mil das ajudas chegadas, faltam outros cinco mil. Sé exigente contigo! Não gastes em levianidades nem o teu dinheiro nem o teu tempo.

Padre Acílio

DOCTRINA

Um esclarecimento



TANTO bastou correr notícia de que íamos abrir Casa no Porto para que os pedidos chegassem aos cachos, de toda a parte e de muitas formas — tamanho é o desmoroar social. Porém, a finalidade da nossa nova residência não é o que se julga. Nós não recebemos ali o rapaz da rua. Trata-se da habitação, em família, dos nossos que trabalham e estudam. Já estão talhados os pequeninos obreiros com seus cargos de cozinha, de mesa, do jardim, de porteiro, de recados, tudo consoante os nossos usos e costumes; mas não publicamos aqui os nomes que isso seria levar a *desordem* ao seio das nossas Casas. Os gaiatos, como tu, também lêem o jornal *O Gaiato* de ponta-a-ponta.

O que importa, por agora, é instalar. Para dar facilidades aos que gostam de nos prestar auxílio, passamos a dar a lista das coisas mais urgentes de forma que cada um pode levantar o dedo e marcar presença: São dez camas de ferro completas. São as roupas necessárias para as ditas. São doze cadeiras. É uma mesa de refeitório. São painéis e loiças de cozinha. São as de mesa. São seis carteiras escolares. Os nossos rapazes de forma nenhuma podem perder a Escola pelo facto de terem de se deslocar. A Escola acompanha-os. No Porto há quem ensine e apresente a exame. A casa tem salas para isso. Eu tenho horror ao analfabetismo! É uma das inferioridades da nossa gente. Uma forma gentil de me prestarem auxílio, seria dar cada um o que pudesse para a renda da casa — mil e duzentos escudos mensais.

O. Acílio 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

dia 3 de Maio, e em Palmela (Sociedade Filarmónica Humanitária de Palmela), no dia 10 de Maio.

Temos ainda agendadas as seguintes:

31 de Maio — 21.30 h, Grupo Desportivo de SESIMBRA.

1 de Junho — 16.00 h, Centro Paroquial do MONTIJO.

7 de Junho — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.

14 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica União Seixalense, SEIXAL.

19 de Junho — 21.30 h, Fórum Luís Todi, SETÚBAL.

Outros locais previstos, ainda não têm data definitiva.

Padre Júlio

BENGUELA

Luta contra a malária

SÃO milhares as crianças e mães grávidas que morrem por causa da malária, também chamada doença do paludismo. A idade mais crítica é dos zero aos cinco anos. A doença vem, entretanto, em todas as fases da vida. Sabemo-lo por experiência própria. Sentimo-lo na carne dos mais pequeninos e dos mais velhos. Alguns deles estão com soro e quinino, em nossa enfermaria, no momento em que escrevo estas notas. Não correm perigo, porque são tratados, a tempo e horas, com os meios necessários ao nosso alcance.

Houve tempo em que esta zona era chamada cemitério de europeus e angolanos. Uma das causas das mortes era, precisamente, o paludismo. A terra quente e húmida, com áreas densas de vegetação e águas estagnadas, favorecia a proliferação dos mosquitos, que são o veículo da doença. A situação melhorou, entretanto, de modo considerável, a tal ponto que o controle da malária já atingiu um grau de eficácia muito elevado. Agora, porém, com as péssimas condições de saneamento básico, mais o lixo acumulado em grandes quantidades, está criado o ambiente favorável ao crescimento acelerado desta endemia.

O pai veio, aflito, pedir remédios para a sua filha internada no hospital. Fomos directamente à farmácia e comprámos tudo o que era preciso. A doente já tinha vinte anos. Encontrámo-la tão debilitada pela doença que a esperança de cura era muito reduzida. Foi tarde demais. Na manhã seguinte morreu. Estes casos são símbolos da situação real em

que a população anónima, a maioria da Nação, vive. Ontem, Domingo, ao sair da celebração Eucarística, outro pai agarra-se a mim a pedir socorro, porque está muito doente e não tem meios para se curar. Posso e ajudo. Não vai morrer abandonado. Hoje, vamos ao hospital para o tratamento. Quero que saibas para onde vai o dinheiro que nos dá. Esta manhã, antes de continuar a escrever o que ontem comecei, meia dúzia de doentes seguiram para o Posto Médico. Eram crianças e mães grávidas. São parte da nossa vida. A celebração da Eucaristia, iniciada cada manhã no altar da Capela, continua ao longo do dia. Não quero fugir desta linha.

É verdade que o homem tem valores como homem e merece ser amado enquanto homem. É pessoa. Mas, além de tudo isso, a Fé diz-nos que o maior título de glória do homem está em ser filho de Deus. Esta afirmação vai na linha da dignidade humana. Não se nega, nem se despreza o valor que o homem tem enquanto homem.

O Continente africano é duramente atingido pela pandemia da malária. Os Chefes de Estado e de Governo dos cinquenta e três países de África, reunidos em Abuja, Nigéria, aos 25 de Abril de 2000, verificaram que o paludismo é responsável por cerca de um milhão de mortes por ano, em África, ocorrendo nove em cada dez casos de doença da malária no mundo, na África Subsahariana. Quem mais sofre são as populações que vivem na pobreza e na miséria. Uma família pobre, a viver numa área afectada pelo paludismo, pode gastar 25% do seu rendimento



Tenda da Casa do Gaiato na venda de mosquiteiros para a luta contra a malária, numa praça de Benguela. Um grupo de rapazes participa.

anual em prevenção e tratamento. O paludismo custa à África até doze biliões de dólares, podendo ser controlado com uma pequena fracção dessa quantia.

Diante dum quadro tão sombrio, que fazer? É preciso empreender uma luta decidida contra a doença, começando por erradicar as causas, depois de criar um ambiente propício à participação do Estado e das forças vivas da sociedade civil. Que os pacientes com paludismo tenham acesso imediato a um tratamento correcto, acessível e adequado, nas vinte e quatro horas seguintes ao início dos sintomas. Que as mulheres grávidas, em risco de contrair o paludismo, sejam tratadas, a tempo e horas. São necessárias acções concretas.

Dentro deste contexto, a Casa do Gaiato quer fazer tudo o que puder para ajudar a

população mais pobre e miserável a libertar-se do paludismo. Aceitou o desafio que lhe foi lançado e assumiu o papel de parceiro na luta para fazer recuar a doença. Primeiro, no seio da comunidade. A seguir, pela participação em actividades públicas com impacto no meio social, como, por exemplo, em feiras para sensibilização e venda de mosquiteiros à população, a preços acessíveis. Depois, pela acção concreta junto das centenas de famílias que estão ligadas à nossa vida, pondo os mosquiteiros ao seu alcance e ajudando, como já o vem fazendo, com os antipalúdicos adequados. Queremos caminhar sempre com os mais pobres e abandonados. Estendei as vossas mãos e vamos fazer ponte libertadora da multidão que está sempre à espera.

Padre Manuel António

Tempo pascal

O texto de S. Lucas, lido como Evangelho deste terceiro Domingo da Páscoa, termina assim: «Vós sois testemunhas de tudo isto».

«Tudo isto» — ouvimos de S. Pedro na leitura dos Actos dos Apóstolos — é: «O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, glorificou o Seu Servo Jesus, que vós entregastes e negastes na presença de Pilatos, na opinião do qual deviam soltá-lo, ressuscitando-O dos mortos — e nós somos testemunhas disso.» A Ressurreição é o tema essencial que, só ele, sintetiza a Boa Nova: «O Santo, o Justo, o Príncipe da Vida a quem destes a morte» — continua Pedro — está vivo e está no meio de nós. E porque está no meio de nós e «O temos, ao mesmo tempo, como Defensor junto do Pai» (I Jo 2,1) — quem contra nós?

Esta Fé, tão abundante e profundamente alicerçada na multidão dos testemunhos de que os Actos dos Apóstolos nos dão conhecimento, é, na verdade e seguramente, «a vitória que vence o mundo». Dois milénios de História, com tantos momentos conturbados pela contestação e por lutas de fora e dentro, são o aval. E a experiência dos que viveram impregnados desta Fé, em todos os tempos, uma confirmação.

Jesus está no meio de nós, vivo, activo mediante os homens e mulheres que o Seu Espírito impele e se

deixam impelir — e assim, e só por isso, a alegria reinante nas comunidades de fiéis de que o Livro dos Actos nos dá conta, se não extinguiu e aflora, aqui e ali, onde o desígnio de Deus faz surgir *Impelidos*.

Aonde foi Pai Américo buscar a luz que o determinou, a força que o fez realizar, senão a esta certeza simples de que Jesus está no meio de nós, chamando e pondo-Se ao nosso alcance para Lhe respondermos?! «Não posso dizer que O tenha visto e ouvido com os meus olhos e ouvidos mortais, nem que O tenha tocado com as minhas mãos pecadoras — mas senti o Seu bafo». Sentiu-o muitas vezes, sobretudo em horas crucificadas em que a sua fragilidade natural poderia deixá-lo sucumbir.

Certamente interrogação semelhante posta a respeito de Madre Teresa de Calcutá terá explicação da mesma natureza: A sua Fé em Cristo ressuscitado e próximo, a convidar à intimidade conSigo.

Falo destes dois, do nosso tempo, como pólos de paz, irradiantes de tantas alegrias que nos recordam as da Igreja nascente e nos estimulam a continuar escrevendo o Livro dos Actos na Igreja de hoje... e sempre.

Na leitura deste Domingo é impressionante o destemor de Pedro ao apontar o dedo aos seus contemporâneos: «Negastes o Santo e o Justo e pedistes o perdão de

um assassino». Mas tempera a incriminação com uma atenuante: «Eu sei que agistes por ignorância como, aliás, os vossos chefes». E completa-a com a caridade de um voto, que é o verdadeiro objectivo dela: «Arrependei-vos, pois, e convertei-vos.»

Certamente nesta mesma linha de intenção, de amor a

todos os homens, aprendeu Pai Américo; e disse: «Quando eu denuncie um mal, já estou a curá-lo». A denúncia era um apelo: Ao arrependimento das omissões daqueles a quem apontava o mal, tantas vezes cometidas por ignorância; e à tomada de consciência do bem a fazer — do que resultou sempre colaboração necessária para conseguir remédio que curasse.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

Campanha de assinaturas

CONTINUA a decorrer, como tínhamos previsto, da melhor forma e aceitação. Outra coisa não esperaríamos tendo em conta que o testemunho do Padre Américo continua vivo em muitos corações.

Têm sido em grande número aqueles que o aceitam ao serem interpelados pela assinatura d'O GAIATO. Durante a Quaresma toda fomos os dois, Padre Carlos e eu; percorremos quase todas as igrejas principais de Coimbra, havendo ainda tempo de marcar presença em Figueiró dos Vinhos, onde, para além da campanha, Padre António nos ofereceu o peditério das missas naquele Domingo — cerca de quinhentos euros. Bem-haja! Quanto mais uma comunidade se abre aos Pobres, mesmo que sintam necessidade do que reparte, mais ganha! É errado pensar, como o prova toda a confiança providencial do Padre Américo, que o que se reparte com os Pobres alguma vez faça falta. Mais uma vez sentimos a generosa partilha da Comunidade Paroquial de S. José que, este ano, um pouco mais baixa, somou oito mil e novecentos euros.

Na campanha de assinaturas não costumamos pedir dinheiro algum. Dizemos que a primeira obrigação do assinante não é pagar. Não é pelo dinheiro que empenhamos o

nosso «ir». É pela doutrina de Cristo que Padre Américo enraizou na sua vida, de forma original, ao serviço dos Pobres. Primeira obrigação é ler e meditar O GAIATO. De facto, muitas vezes a primeira preocupação das pessoas é: «quanto custa?» Também é resposta à interpelação, mas não a essencial, dizemos nós. A leitura do Jornal é que deverá conduzir à partilha material. Assim tem sido.

Têm sido às centenas os novos assinantes. Graças a Deus! Gesto muito belo e original: pais e avós, interpelados, oferecem como prenda de aniversário, aos seus pequenos, uma assinatura d'O GAIATO... Outros assinalam o dia da Festa da Palavra, da Primeira Comunhão ou da Profissão de Fé, não só com o jantar familiar e amigo, mas assumindo esta iniciativa, inscrevendo como assinante o festejado. O GAIATO torna-se, assim, a «outra Bíblia» — como gostam de lhe chamar alguns dos nossos mais íntimos amigos.

As últimas cidades onde estivemos foram as de Abrantes e Tomar. Em ambas sentimos enorme acolhimento. Mais «na pele», em Tomar. Não admira! A memória dos vendedores e as nossas Festas fazem vir ao de cima emoções que não se apagam. O testemunho e amizade do Prior — que é leitor d'O GAIATO desde criança — deram uma preciosa ajuda à campanha.

Era o terceiro Domingo de Páscoa. Tudo nos falava da passagem do Senhor: A Palavra de Deus, a Partilha do Pão, o Dia da Mãe. Espanto, admiração, alegria inundavam a alma dos discípulos de Emaús que não se cansavam de contar o modo como o Senhor voltara a encher de encanto e sedução as suas vidas. Como eles, nós também! Vamos escrevendo os outros «milagres que não estão contidos neste livro...», constituem a nossa actualização da Páscoa do Senhor.

Padre João

PENSAMENTO

Às portas do Lar, em Coimbra, passa casualmente o Professor Elísio de Moura com uma pupila pela mão. Pára. Escuta. Toma uma do grupo. Eu faço o mesmo a um. A viúva agradece e lá vai desnortada, com os sete pela mão, a pregar ao Mundo o nosso desmazelo, o nosso atraso, a nossa sostrice, ali mesmo nas barbas da sala dos Capelos onde os doutores sublimes têm seus cadeirais para fazer discursos.

PAI AMÉRICO